

NARRATIVAS DE VIDA NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO PESSOAL DE IDOSOS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA

Laudicéia Noronha Xavier¹, Annatália Meneses de Amorim Gomes², Cleide Carneiro³

RESUMO: Objetiva compreender as percepções e conhecimentos aprendidos pelos idosos em grupo de convivência. Esta é uma pesquisa qualitativa, de abordagem autobiográfica, baseada em narrativas. Dela participaram três idosos de um grupo de convivência, selecionados mediante critérios de inclusão e exclusão, durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2013. Os dados foram obtidos pela técnica de entrevista reflexiva e analisados em seu conteúdo. Os resultados mostraram que, para os idosos, o aprendizado é pautado nas crenças e valores e estes podem conduzir o homem a transformar-se. A experiência propiciou aos sujeitos a reflexão de si pelas narrativas de suas vidas, o que deu ensejo a outras visões sobre atitudes e comportamentos mediante suas experiências.

Descritores: Experiência de vida; Idosos; Aprendizagem Significativa.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é considerado fenômeno mundial. A expectativa é de que, ao chegarmos ao ano 2025, seremos a sexta população com maior idade do mundo, com 27,2 milhões de idosos (RIBEIRO; ROCHA; POPIM, 2010). Existe, no entanto, uma diferença de como tal fenômeno se desenvolveu nos países desenvolvidos e nos emergentes, haja vista o fato de que, nos primeiros, o envelhecimento da população em virtude de melhorias das condições de vida, enquanto, naqueles em desenvolvimento, este fenômeno se deu de maneira rápida e pode afetar as áreas social e de saúde (MOTA et al, 2012).

O envelhecimento mostra-nos uma imagem não condizente com o ideal que guardamos de nós próprios, pois a existência de um corpo imaginário, no qual o sujeito não se reconhece, o conduz a negar esta fase da vida, em virtude do medo e da ansiedade que a velhice traz, passando, assim, a ser visto de forma negativa, produzindo ansiedades nas pessoas (MARQUES et al, 2010).

¹Enfermeira e mestra em Ensino na Saúde- Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: laudiceianx@hotmail.com.

²Psicóloga, assistente social e doutora em Ciências da Saúde/UFRN; docente do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde e em Saúde da Família da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: annataliagomes@gmail.com

³Assistente Social. Professora Doutora, Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Universidade Estadual do Ceará- UECE. cleide.carneiro@uece.br

O idoso deve ser reconhecido e valorizado como sujeito de sua história e possuidor de direitos, sendo ativo e participativo na sociedade de que participa. Por isso, é importante compreender que os aspectos biológicos, psicológicos, culturais, econômicos e sociais são determinantes para o envelhecimento saudável. Em nosso contexto social, a velhice é, muitas vezes, vista de forma preconceituosa, o que conduz a comportamentos de isolamento, afastamento de atividades e depressão (VASCONCELOS, 2012).

As experiências vividas pelos idosos, bem como seus saberes acumulados de tudo aquilo que já aprenderam, vivenciaram, amaram e/ou sofreram é que levarão a adquirir outras ações reflexivas. À medida que envelhecemos, levamos conosco uma bagagem enorme de experiência, que nos direcionará para as experiências atuais. Por meio dessa troca de experiências, num contexto de aprendizagem, passamos a conhecer o outro e a nos transformar (JOSSO, 2010).

O grupo constitui um espaço terapêutico, em que o ser humano pode se desenvolver, como um sistema aberto, o seu crescimento individual. Isto porque, o mundo vivencial de uma pessoa pode ser compreendido por meio da descrição que ele faz da situação vivenciada, promovendo a ideia do homem como centro, valor positivo e de autorregulação e autorrealização (SOUZA, 2011).

A socialização do idoso favorece a sua saúde mental e física, visto que o envelhecimento leva a alterações comportamentais e funcionais, o que torna a pessoa idosa mais dependente dos recursos da cultura. Esse fato ocorre porque, nesta última fase da vida, a pessoa perde agilidade, necessitando dos profissionais das áreas sociais ou da saúde, que devem estar dispostos a viver com eles experiências abertas, para que estes sejam criadores da sua aprendizagem (MORIN, 2004).

A razão deste estudo se funda na observação das dificuldades, contradições e sofrimentos onde se fez palco a vida do idoso, bem como no trabalho educativo realizado por cerca de 14 anos na educação não formal para este público, tendo sido notado o fato de que, nas palestras educativas, existe a dinâmica do conhecimento e do poder (MORIN et al, 2003).

Quanto à relevância social do tema, este se ancora em discussões educacionais e de formação dos profissionais atuantes na área da saúde, sendo este um desafio a ser enfrentado. Por tal razão, “é preciso compreender a vida como consequência da história da Terra e a humanidade como consequência da história da vida na terra”. (Morin et al, 2003, p.63). Este momento se reveste de um novo contexto,

por despertar o interesse em pensar na educação de adultos e em sua formação como um *continuum*, marcado pelas experiências diversas, permitindo ao aprendiz ser ele mesmo, e que este necessita de conhecimentos para a sua transformação (MORIN, 2004).

O sistema que favorece os processos educativos deve proporcionar o desenvolvimento de novos papéis para os idosos, por meio de programas que preparam e incentivem a participação ativa na sociedade na qual está inserido, estimulando a melhoria da qualidade de vida. As instituições que lidam com idosos, no entanto, devem refletir sobre suas atuações e práticas, a fim de aplicar de modo correto o estilo próprio de educar na terceira idade (ALMEIDA; BATISTA; LUCOVES, 2010).

Vários pontos se expressam no ensino-aprendizagem voltado para a condição do envelhecimento, no que se refere à dimensão social e às crenças. Como é possível perceber, por meio do grupo de convivência, pelas histórias narradas, uma experiência formativa? Como os idosos se percebem na experiência de vida? Assim, intentamos compreender as percepções e conhecimentos aprendidos pelos idosos em grupo de convivência.

MÉTODO

Este é um estudo qualitativo, de abordagem autobiográfica, que prioriza a formação de adulto (JOSSO, 2004), com amparo nas narrativas de vida, com fundamento na crença de que esse método é capaz de revelar um desenvolvimento de formação pessoal. Foi desenvolvido em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), no Município de Sobral-CE, localizado ao norte do Ceará, a 233 km da capital, Fortaleza.

Como critérios de inclusão dos participantes para a realização de uma entrevista reflexiva, foram considerados os idosos que participam de um grupo de convivência. O determinante de saturação regulou o tamanho da amostra, totalizando três idosos. Foram realizados sete encontros, com três participantes, em razão da escolha desta entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas.

Foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista reflexiva, consistente na escuta das histórias de vida. O percurso constou, no princípio, de uma pergunta desencadeadora, dando continuidade com os seguintes passos: questões de esclarecimento, focalizadora, aprofundamento, de compreensão, etapas pós-escuta das narrativas (SZYMANSKI, 2004).

A coleta de dados ocorreu durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2013, após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar da entrevista, sendo gravadas as falas em MP3 de todos os encontros. Foram utilizados nomes fictícios para designar os entrevistados, visando a resguardar o sigilo e o anonimato - José, Glória e Maria. As questões norteadoras foram: o que o motivou a participar do grupo de convivência? Como se sente no grupo? A análise seguiu a fundamentação de análise narrativa de Josso, cuja aplicação é multidisciplinar e utilizada em problemas sociais diversos, pretendendo atribuir à subjetividade um valor de conhecimento (JOSSO, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os entrevistados foram idosos com idade variada - 65 e 75 anos - pertencentes à classe socioeconômica baixa, todos aposentados, sendo que o primeiro cursou até a 2ª série primária, morava em casa com o parceiro e um filho, cuja mãe era analfabeta e o pai só tinha o primeiro grau incompleto. A segunda terminou os seus estudos na 3ª série, separada com quatro filhos, dos quais somente um ainda morava com ela; seus pais são analfabetos. Já a terceira era analfabeta, viúva, mãe de 13 filhos, tendo dez filhos vivos. É filha de pai e mãe também analfabetos.

José nasceu na cidade de Iguatu, tem 71 anos é filho de uma dona de casa com um torneiro mecânico. Eram seis irmãos, sendo quatro homens e duas mulheres. Vive em união estável há 40 anos, adotou um menino, filho da sobrinha de sua esposa, que hoje está com 30 anos. Conta que estudou mais não foi muito, embora soubesse da importância dos estudos em sua vida. José, em sua fala, retrata que tinha dificuldade em aceitar as transferências do pai, um funcionário da RFFSA (Rede Ferroviária Federal), que continuamente era mandado para qualquer cidade que necessitava do seu trabalho. Não podia fazer nada, mas me sentia prejudicado, pois, no momento em que estava aprendendo algo na escola e fazendo amigos, era transferido para outra cidade para acompanhar os pais. A mãe ficava preocupada, porque o perdia muito o ano e se prejudicava na escola. Ela não tinha conhecimento para ajudar em casa com o alfabeto nem a soletração das palavras.

Assim, o seu interesse em frequentar o grupo de convivência foi despertado pelo convite que a enfermeira que estava o acompanhando em seu tratamento para a Hanseníase fez. De início, tinha certo temor, medo por ter que enfrentar a sua doença,

porém, após alguns encontros no grupo, teve a oportunidade de perceber que as reuniões são momentos de esclarecer dúvidas sobre doenças e de adquirir conhecimentos de áreas diversas; além de experimentar um envolvimento, a sensibilidade para ouvir os problemas dos parceiros e observou a importância do grupo.

A composição desses fatos vai se constituindo como experiências, aprendizagens, e traçando um itinerário no grupo de convivência. Ele se utiliza da expressão “*expressar melhor*”, varias vezes, durante a narrativa, para descrever e identificar alguns momentos de experiência significativa ao participar do grupo de convivência; demonstra em um diálogo simples a familiaridade que passou a adquirir com as pessoas no grupo.

O idoso é um ser sábio que, ao longo dos anos se utiliza das oportunidades de aprendizagem dos conhecimentos e procura aplicá-los em sua vida. Assim, as histórias de vida podem levar a um projeto emancipado de si, visto que, ao favorecer “ações dirigidas à narração de si, propondo a esses segmentos a apropriação de suas histórias, de suas experiências, do vivido”, tornam-se autores e autoras de sua formação. (MASULLO et al., 2012, p.109).

Nas narrativas de sua vida, José demonstra sua proximidade com o grupo de convivência dos idosos, conotando sentimentos ante uma saúde frágil. Busca ser forte e despertar nos colegas o interesse pelo grupo para manter-se assíduo frequentador, pois, sendo o único homem no meio de várias mulheres, não era motivo de deixar de participar no grupo, ante as suas manifestações de persistência e luta interior.

José revela outra perspectiva sobre a sua inserção no grupo, “*o segundo momento da narrativa é uma espécie de reviravolta ao participar do grupo em que eu passo a ser outra pessoa, onde surge uma alegria profunda por se perceber a importância da minha participação no grupo*”.

O que ocorreu para que possamos compreender essa nova atitude? A relutância do primeiro momento inseguro, por não ter tantos conhecimentos para participar de um grupo de convivência com pessoas de nível superior conduzindo o grupo, em que foi possível se perceber que era um idoso como outro qualquer e poderia, ao participar do grupo, adquirir novos conhecimentos e aplicar na sua vida ao unir com outras experiências.

De acordo com Ferraroti (2010), quando o sujeito conta a sua história de vida, ele passa a narrar fatos verdadeiros e o sujeito passa a ser narrador e ator da sua

história que fala de si. Surge como uma ficção em que ao sujeito é dado se entender que é autor de si próprio de forma flexível e variável.

Quando foi convidado para participar do grupo de convivência, percebeu a possibilidade de adquirir mais conhecimentos, situações educativas que lhes favorecessem o desenvolvimento de suas habilidades, como se fosse aprender sem o saber. A preocupação com o conhecimento vem desde a infância, uma realidade ocorrente em sua vida.

A importância da formação de um adulto é confirmada pela sua experiência e participação no grupo de convivência, quando o idoso passa a tomar consciência da sua presença e importância nas várias dimensões de aprendizagem e de si mesmo. No período da narrativa, relata que faz quatro anos que participa do grupo e percebe que, no início, foi muito dificultoso, pois era uma pessoa de comunicação difícil e custoso relacionamento com outros. Isso demonstra ter conhecimento de que os momentos de encontro acederam à oportunidade de facilitar e aproximar das pessoas para as trocas de saberes.

Para, José, *“o grupo de convivência é o lugar ideal para desenvolver nossa aprendizagem e ajudar os outros com a nossa experiência e conhecimentos acumulados ao longo dos anos”*.

O aprendente idoso precisa de liberdade e voz, para que suas experiências de vida possam ser reveladas ao longo das aprendizagens, fim de se poder experimentar a possibilidade de aquisição de uma aprendizagem significativa. As experiências adquiridas no decorrer da vida poderão servir como ponte de ligação entre o seu saber e o que foi aprendido. Quando compreendemos o idoso, dando-lhe voz, passamos a conceder liberdade as suas experiências de vida.

Por isso, uma experiência formadora surge da articulação feita entre a aprendizagem e o saber-fazer e conhecimentos, significação, funcionalidade, técnicas e valores em um determinado espaço de tempo (JOSSO, 2004). Assim, é necessário que o idoso possa recordar o que viveu, relatar e pensar sobre sua prática, para que haja uma experiência formadora.

A experiência pode dar sentido à própria existência, possibilitando-nos guiar a nossa vida e a dialogar com a nossa singularidade e a constituição coletiva e pessoal, ante a existencialidade e sustentando a nossa trajetória de vida, para o dinamismo e o desenvolvimento, o que conduz o idoso a sua plenitude, fazendo emergir a outros caminhos (MASULLO et al., 2012).

A segunda participante do estudo, Glória, tem 68 anos e é mãe de quatro filhos. Inicia a narrativa acentuando o fato de haver estudado até a terceira série. Desde pequena, tem vontade de adquirir conhecimento, demonstrando uma experiência significativa vivida na sua dimensão individual. Ela relata que se separou no segundo ano do casamento, pois o marido era muito namorador, tendo ela passado a fazer o papel de pai e mãe dentro de casa, com sua humilde profissão de costureira. Houve um período, após a separação, em que ela ficou um pouco debilitada, porém seus pais procuraram ajudá-la, passando a sustentar esse misto de preocupações, em vários relatos da narrativa, e de como se preocupava com os filhos. A prática reflexiva de si vivida por via de uma experiência de vida possibilitou reaver a sua historicidade na perspectiva de almejar novas aprendizagens.

De tal maneira, se tornou a referida participante aprendente “autor não só da sua história, mas igualmente, de uma história social, pois ele não está isolado no mundo, mas em relação com o mundo, e suas escolhas e decisões”, com repercussões nas dimensões individual e coletiva (MASULLO et al., 2012, p.159).

Glória procurou participar do grupo de convivência com assiduidade, a fim de conhecer assuntos, favorecendo a mudança de comportamento. Segue a voz de Glória; *“essas pessoas que conduzem o grupo proporcionam muitos momentos bons para nós. Como a gente se sente bem com a idade que eu tenho perceber que existe alguém que olha para nós, se interessa por nós, nos distrai, nos diverte, sair daquela rotina do dia a dia, como eu que tenho a vida muito privada e muito ocupada, quando chega o dia do grupo eu largo tudo, os meus afazeres domésticos, o meu trabalho as minhas costuras e venho participar com muito prazer. Eu me sinto valorizada no grupo, pois em casa os filhos não valorizam tanto quanto deveria. No grupo tenho muitas amigas umas querem atenção outras um ombro amigo”*.

A sua participação fez nutrir um pensamento reflexivo sobre o que passou e o que foi observado, sentido e percebido. Começa a contar como foi se envolvendo no grupo e o que a vida ensinou.

Existe uma conexão entre o que o sujeito já viveu com o que estamos prestes a viver. De tal modo, a busca de conhecimentos em todos os momentos da vida proporciona o despertar de uma aprendizagem com experiência, o que simboliza subjetividades, atitudes, pensamentos, sentimentos ao contar a própria história. Desta forma, Glória precisava narrar o que tinha vivido, como estava a sua vida e o que foi experienciado. Assim, Glória relata; *“um dia no grupo e comecei a me desabafar com a*

voz embargada e comecei a lembrar como é bom chegar a minha idade e puder conhecer muitas coisas quem eu jamais esperava que um dia seria possível conhecer”. “Quando alguém exprime um sentimento, uma atitude ou uma opinião, a nossa tendência é julgar imediatamente. Raramente permitimos a nós mesmos compreender precisamente o que significa para essa pessoa o que ela está a dizer”. (ROGERS, 1961, p. 30).

Percebemos que, depois de tantos anos, os idosos voltam a um contexto de aprendizagem, o qual envolve aprender algo com muita significação. Eles buscam nada mais do que conhecimento, educação, socialização, vida e aprendizagem significativa.

Por isso, o ponto central de toda a narrativa retrata suas singularidades, por ser uma primeira escuta, fala não refinada, jamais retratada, sobe como uma idosa olha o mundo sem pressa, admirando cada fato da vida.

Maria, a terceira participante, tem 67 anos. Era mãe de 13 filhos, tendo dez vivos. Filha de pai e mãe analfabetos, e inicia a narrativa com o relato da percepção que fazia de si mesma: “*a gente passava por muita necessidade, trabalhava para comer, se eu não trabalhasse a gente não tinha o pão de cada dia, eu nem estudei*”. Tinha vontade de ajudar o marido a adquirir conhecimento; demonstra uma experiência significativa vivida na sua dimensão individual.

Apesar de não ter estudado, teve muito cuidado e atenção para orientar os seus filhos a seguirem um caminho com conhecimento e sabedoria, o que os encaminhou aos estudos mais que ela. Melo Neto fala do sonho dos pais nordestinos que buscam um destino melhor para seus filhos,

Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos finados Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. [...] Somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina que a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia de fraqueza e de doença que a morte Severina ataca em qualquer idade [...] Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra (MELO NETO, 1994, p. 29, 30).

Falar de si próprio pela abordagem História de Vida significa uma procura pela sabedoria e pela arte de viver. Desde a ocasião em que o narrador ouviu a própria história, pode compreender melhor as suas escolhas e a constituição de si; e teve um maior domínio do seu percurso. Os sentimentos de gratidão, por ter iniciado a sua

participação no grupo, são perceptíveis, quando observamos sua voz embargada no momento da entrevista.

Precisamos estar preparados para escutar suas experiências. Entendemos que a nossa sociedade necessita abrir as portas para os idosos, por via de espaços de atividades para eles, por meio de encontros que favoreçam o afloramento de suas sabedorias e estas possam ser apresentadas.

Em alguns momentos de sua fala, percebemos que Maria omite muitas informações da sua infância e adolescência. Fala muito pouco de momentos marcantes nessa fase da sua vida. *“Sempre eu gostei de pensar, apesar de não ter estudado, quando eu via uma pessoa conversar, aí eu não dizia nada só ficava calada aí eu ficava pensando o que eu podia gravar para conversar”*. Mesmo com poucos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, procurou participar do grupo de convivência, atribuindo a este um lugar de descontração e aprendizagem, pois os assuntos abordados são variados. Conforme Maria, *“sinto-me bem no grupo, para mim é um grande prazer, eu não tenho estudo, pouco saio de casa, tenho muito orgulho de participar do no grupo, aqui é onde a gente tem alegria”*.

Maria retrata o grupo de convivência como *“verdadeira fonte da juventude”*, pois os idosos têm a oportunidade de aprender, desenvolver habilidades e realizar atividades com pessoas mais jovens do que eles, despertando a capacidade de trabalhar e produzir.

Mesmo sem ter muita experiência com leitura, ela procura memorizar os assuntos tratados nos encontros e, quando é abordada por alguém da comunidade em relação a algum tema, ela busca explicar o que aprendeu, juntando com seus valores e crenças.

CONCLUSÃO

Assim, passamos ao momento do trabalho, em que se torna público o processo de formação de três idosos. Seguimos o percurso da experiência significativa na infância, adolescência e na fase adulta; a importância dos estudos aprendidos ao longo dos anos e o que foi significativo e trouxe de experiência de vida a sua participação no grupo de convivência.

As recordações do passado realizadas por meio das narrativas fizeram despertar uma experiência formadora e transformadora com saberes adquiridos no grupo

de convivência de idosos, assumindo outras dimensões na vida presente, com um olhar significativo mediante a descoberta de mais saberes.

O desenvolvimento intelectual deve estar atrelado às reflexões e à capacidade de verbalizar com outros nossas experiências, favorecer a expressão livre por parte, dos idosos, dos conhecimentos adquiridos no decorrer de sua trajetória de vida, visando a potencializar seu processo de formação pessoal. A sabedoria envolve comedimento, temperança, prudência e desprendimento. A formação desses idosos ocorre como atividade própria deles, dando ênfase a um aprendizado por via de um conhecimento atrelado à afetividade, que pode ser aprendido no ambiente familiar, escolar, em viagens, bem como na participação em grupos, ou seja, na rede social.

À medida que se envelhece, tende-se a selecionar assuntos de interesse pessoal que tenham significado e sentido para aplicação prática na vida. Para os idosos, o aprendizado é como se fosse mais concreto em virtude de experiências vividas.

O processo formador desencadeado pelos idosos assinala para uma educação pautada nas crenças, valores e significações conduzindo-os ao crescimento humano, social e espiritual, confirmando uma pedagogia, no sentido mais profundo do termo, em virtude de afirmar o homem em movimento de transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. H. M. D.; BATISTA, M. P. P.; LUCOVES, K. C. R. G. Reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional para atuação com pessoas idosas em distintas modalidades de atenção: contribuições de egressos da USP-SP. **Rev ter ocup**, São Paulo, v.21, n. 2, p. 130-138, 2010.

CAVALCANTE, Z. G. **Crescer através do Sofrimento**: Aquisição da Resiliência e do Coping no estresse do luto na velhice. São Paulo: Cia. dos Livros, 2011.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, p. 30-57, 2010.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARQUES, C.M.G; CÔRTE, B. Quais são as tendências das pesquisas fisiogerontológicas? O caso da PUC/SP. **A terceira idade**, São Paulo, v.21, n. 47, p.20 - 37, mar/2010.

MASULLO, A.; ROQUE, J. P.; BRAGA, O. R. (Auto)biografando os percursos formativos dos jovens universitários da UFC e parceiros da ONG Diaconia: estudando a relação entre o fazer universitário e sociocomunitário. Org. OLINDA, E. M. B. **Artes do Sentir**: Trajetórias de vida e formação. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e Vida Severina**. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. humana. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, E.; CIURANA, E-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MOTTA, A. P.; MESQUITA, R. M. S.; PAZ, S. E. de S.; NASCIMENTO, T. A. C.; AMORIM, R. F.; CATRIB, A. M. F. A Observação Participante como Instrumento em Pesquisa Qualitativa com Foco na saúde na Saúde do idoso. Org. SAINTRAIN, M. V. de L.; PINHEIRO, C. P. O.; SILVA, R. M. **Saúde do Idoso**: estudos e práticas no processo do envelhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

RIBEIRO, J, P; ROCHA, S. A; POPIM, R, C. Compreendendo os significados de Qualidade de Vida segundo Idosos portadores de Diabetes Mellitus Tipo II. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.1 4, n. 4, p.765-771, 16 out. 2010.

ROGERS, C.R. **Tornar-se Pessoa**. 2. ed. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 1961.

SOUZA, A.M.A. **Coordenação de Grupos**: Teoria, Prática e Pesquisa. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SZYMANSKI, H. (org). **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: A Prática Reflexiva. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

VASCONCELOS, D. S. **De volta aos embalos de sábado à noite**: a dança de salão na terceira idade. Curitiba: CRV, 2012.